

A MULHER MODERNA: PRÁTICAS URBANAS E VIDA DOMÉSTICA EM SÃO PAULO (1930-1960)

THE MODERN WOMAN: URBAN PRACTICES AND DOMESTIC LIFE IN SAO PAULO (1930-1960)

Sabrina Studart Fontenele COSTA*

Resumo: Este texto apresenta um panorama da presença das mulheres de classe média em seus espaços domésticos e sua interação com o espaço urbano de São Paulo em meados do século XX. Momento que passaram a usufruir de maneira mais intensa da vida urbana, ampliaram sua formação educacional e entraram no mercado de trabalho. Nos anúncios e textos do período, a imagem da “mulher moderna” está vinculada a figura que circula livremente pela cidade, como também aquela que é responsável pela organização das atividades domésticas. Buscando discutir a dimensão e as contradições dessa representação foram utilizadas como fontes de uma pesquisa qualitativa histórica os anúncios de jornais e revistas, os desenhos e fotografias dos projetos de alguns edifícios e estudos sobre a presença feminina na metrópole.

Palavras-chave: Cultura visual, cidade, mulher moderna, domesticidade, arquitetura

Abstract: This text presents an overview of the mid-class women’s presence in their domestic spaces and their interaction with the urban space in the middle of the 20th century in São Paulo. The period when they began to enjoy more intensely the urban life, expanded their education and entered the labor market. In the advertisements and texts of the period, the image of the “modern woman” is linked to a figure that circulates freely throughout the city, as well as that which is responsible for the organization of domestic activities. Looking to discuss the dimension and the contradictions of this representation were used as sources of qualitative historical research the advertisements of newspapers and magazines, drawings and photographs of the projects of some buildings and studies on the female presence in the metropolis.

Keywords: Visual culture, city, modern woman, domesticity, architecture

Introdução

Este artigo busca compreender a imagem de “mulher moderna” que foi apresentada e divulgada no contexto paulistano, buscando analisar a presença das mulheres de classe média em seus espaços domésticos e sua interação com o espaço urbano no meio do século XX. Para tanto, foram utilizados como fonte de uma pesquisa qualitativa histórica os desenhos e fotografias dos projetos de arquitetura de alguns edifícios vinculados ao movimento moderno,

* Mestre em História da Arquitetura e do Urbanismo - Doutora em História da Arquitetura e do Urbanismo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP - Universidade de São Paulo, campus São Paulo. São Paulo, SP – Brasil. Bolsista Fapesp, processo 2016/08717-0. Pesquisadora de Pós-doutorado - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: sabrina.fontenele@gmail.com

anúncios do jornal Estado de São Paulo, textos literários e estudos sobre a presença feminina no Centro de São Paulo. Deverá ainda refletir sobre as diferenças e semelhanças com outras experiências nacionais e internacionais de maneira a melhor compreender as práticas domésticas e as vivências urbanas das mulheres de São Paulo.

Este trabalho tem como recorte temporal o período entre as décadas de 1930 e 1960, quando as grandes transformações físicas, sociais e culturais ocorreram na área central de São Paulo. As mudanças enfatizadas neste artigo lançam olhar sobre os aspectos urbanos (uma malha urbana que se reconfigurava com a abertura e alargamento de novas vias), arquitetônicos (a verticalização intensa na área central e os novos programas), assim como os culturais.

Era nas cidades, as quais trocavam sua aparência paroquial por uma nova atmosfera cosmopolita e metropolitana, que se desenrolavam as mudanças mais visíveis. Através de um processo diagnosticado por vários críticos temerosos como imperfeito e desorganizado, a nova paisagem urbana, embora ainda guardasse muito da tradição, era povoada por uma população nova e heterogênea, composta de imigrantes, de egressos da escravidão e de representantes das elites que se mudavam do campo para a cidade (MALUF; MOTT, 1998, p. 371).

Tratava-se de um momento em que as novidades invadiam o cotidiano, seja por intermédio de novos aparatos tecnológicos (televisão, geladeira, aspirador em pó, bondes elétricos, entre outros) ou novos hábitos (ida ao cinema, visita às galerias de arte, práticas de esportes) que aqui serão analisados. Se nem todos os cidadãos podiam comprar eletrodomésticos que facilitassem a vida no lar ou frequentar os cinemas, quase todos eram impactados pelo ritmo de vida que se fazia cada vez mais ágil pela presença de transportes de massa mais rápidos, elevadores que deslocavam trabalhadores para alturas cada vez maiores ou, até mesmo, pelas novas vias e rodovias que ligavam de maneira mais efetiva as cidades brasileiras.

Neste contexto, a expressão “mulher moderna” é apresentada em crônicas e anúncios do período reforçando a ideia de uma nova abordagem que associa modernidade à figura feminina. O próprio termo “moderno” ganhou ênfase como a demonstração do novo, do progresso, de liberdade, de emancipação. Segundo o historiador Nicolau Sevcenko, “o vocábulo ‘moderno’ vai condensando assim conotações que se sobrepõem em camadas sucessivas e cumulativas, as quais lhe dão uma força expressiva ímpar, muito intensificada por esses três amplos contextos: a revolução tecnológica, a passagem do século e o pós-guerra” (SEVCENKO, 2003, p.228).

As mulheres na metrópole

A cidade de São Paulo concentrou por mais de três séculos suas atividades econômicas, políticas e sociais em um triângulo histórico cujos vértices eram delimitados por três edifícios religiosos: o Mosteiro de São Bento, Convento do Carmo e o Convento de São Francisco. No final do século XIX, novas áreas de expansão são ocupadas de maneira mais intensa. A construção do Viaduto do Chá estimulou a implantação de chácaras e palacetes na região localizada a oeste do Vale do Anhangabaú. Especialmente no entorno da Praça da República, no final da década de 1930, a paisagem urbana se transformou pela abertura e alargamento de novas avenidas propostas no Plano de Avenidas (1930), executadas pelo então prefeito Francisco Prestes Maia e pela construção de grandes edifícios com desenho moderno na primeira metade do século XX.

Nestes espaços, um novo ritmo da cidade se impunha no caminhar ligeiro de seus pedestres, na velocidade dos automóveis e na possibilidade de expandir os limites de altura pelos avanços tecnológicos. Além das transformações físicas da metrópole, era visível uma mudança no modo de vida urbano. Para se ter uma ideia mais clara de tais transformações, Pasquale Petrone registrou que, na década de 1950, a cidade apresentava dezoito estabelecimentos de ensino superior, três universidades, quinze estabelecimentos de ensino agrícola e industrial, 106 livrarias, 150 cinemas, oito teatros e cinco cines-teatros, doze estações de rádio e três de televisão (PETRONE, 1955). Estes novos hábitos se refletiam inclusive nos novos desenhos arquitetônicos espalhados de espaços pelo centro da cidade, onde as antigas edificações foram substituídas por novos arranha-céus que rompiam a escala horizontal e propunham novos programas.

Diversas autoras (SOHIET, 2016; RAGO, 2004; MIGUEL; RIAL, 2016) apontam, que neste momento, as mulheres das camadas médias e altas começam a ganhar as ruas, atividade que desde o século XIX era restrita às operárias que precisavam se deslocar para as fábricas ou as mulheres que tinham empregos informais, como empregadas domésticas, lavadeiras, doceiras, floristas, artistas ou meretrizes.

Sobretudo desde o surgimento das fábricas, em São Paulo, aumentava a circulação feminina nas ruas: as operárias dirigiam-se às fábricas de tecidos, fósforos, velas, onde trabalhavam, ao lado de crianças, entre doze e treze horas por dia, ou participavam com seus companheiros de agitações sociais e políticas; outras distribuíam-se em trabalhos informais, como empregadas domésticas, lavadeiras, doceiras, floristas, vendedoras de charutos, artistas ou meretrizes. Contudo, para as mulheres das camadas médias e altas, sobre quem pesava um controle social e moral mais rígido, passear pelas ruas comerciais, observar calmamente as vitrines das lojas, fazer pequenas compras na rua Direita, na XV de Novembro, ou no Mappin Store e, em seguida, conversar nas confeitarias elegantes eram práticas recentes que começavam a ser incorporadas na rotina cotidiana (RAGO, 2004, p. 393).

O Centro de São Paulo é o espaço por onde se deslocam essas mulheres em busca de lazer, serviços, cursos de formação e empregos. No fim do dia, as ruas são tomadas pela multidão que se desloca também para ver as vitrines das ruas comerciais, frequentar os cafés, galerias de arte, teatros e cinema implantados nos novos edifícios modernos, práticas que foram lentamente incorporadas na rotina cotidiana de determinadas classes sociais.

As diversas lojas implantadas nas galerias ou na rua Barão de Itapetininga, considerada o eixo comercial de artigos de luxo do período, enfatizam que seus produtos são para o público feminino que prioriza o conforto e preocupa-se com o tempo e com sua aparência, como destaca o anúncio de relógio: “quando a cidade se ilumina, elas brilham (sic)... O relógio Movado é mais do que um ornamento, pois lhe dará sempre a hora certa, que é fator primordial na vida da mulher moderna” (Estado de São Paulo, 06 de julho de 1958, p. 02).

**Quando a cidade se ilumina
elas brilham...**

O sol se põe! O ar torna-se mais leve! Surgem as primeiras estrelas! É chegada a hora em que a Senhora vai escolher sua toilette e suas jóias para a noite e é nessa hora, que o Relógio Movado adornará seu gracioso pulso, dando brilho, graça e beleza a cada gesto seu. Sob as luzes da noite, que fazem cintilar suas preciosas jóias, destaca-se o seu Movado. O relógio Movado é mais do que um ornamento, pois lhe dará sempre a hora certa, que é fator primordial na vida da **mulher moderna**.

A ouro 18 k. vidro de salina lapidada
B ouro 18 k. vidro de salina lapidada

MOVADO

a venda nas melhores casas do ramo

Pub. Michigan

Figura 01: anúncio do relógio Movado

Fonte: jornal Estado de São Paulo, 06 de julho de 1958, página 02

Neste anúncio, a figura feminina é representada a partir da silhueta de três senhoras de vestido e salto alto em frente a uma vitrine iluminada, atrás de grandes carros e próximas aos

térreos de arranha-céus, reforçando a ideia de que a mulher moderna está inserida no contexto urbano.

Para as mulheres, além de se relacionar mais estreitamente com o lazer, o ato de comprar e consumir significa a possibilidade de ultrapassar as fronteiras do seu cotidiano privado. Sair de casa para as compras, tomar decisões e poder escolher, além de ser o alvo das atenções (de anunciantes, vendedores e prestadores de serviço), têm também um caráter libertário para elas” (MIGUEL; RIAL, 2016, p. 164).

Neste caso, o termo “mulher moderna” reforça-se ainda a partir de outros símbolos: roupas, cortes de cabelo, poses, hábitos. As mulheres representadas neste anúncio usam saltos altos, cabelos presos e vestidos longos com cintura bem marcada, o que contrasta fortemente com as figuras masculinas de paletó num corte reto. A formalidade da roupa demonstra a ideia de que o espaço público é um lugar onde homens e mulheres desempenham diferentes papéis que exigem cuidado na sua apresentação.

Outro anúncio interessante é o do “Perfume Centenário” que se oferece como “um perfume moderno para a mulher moderna” (Estado de São Paulo, 25 de janeiro de 1954) e apresenta uma senhora de cabelos curtos, com batom nos lábios e vestido preto, com as mãos na cintura numa postura de quem encara seu observador com um olhar desafiador. Um forte símbolo da modernidade paulistana está representado no anúncio, numa posição de destaque: a escultura em espiral proposta por Oscar Niemeyer para o Parque Ibirapuera, na ocasião dos festejos do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo. O desenho que aparece ao fundo do nome do perfume não se coloca ao acaso, mas remete a uma tentativa de afirmação da cidade a partir de um evento que evocava seu crescimento industrial, político e econômico, e que se utilizou das formas e da arquitetura moderna para reforçar a ideia de progresso. Segundo Paulo Garcez Marins, “a modernidade cosmopolita das edificações de Niemeyer e do símbolo em espiral foram intensamente invocadas na propaganda oficial e nos anúncios publicitários privados publicados na imprensa” (MARINS, 2003, p. 9).



Figura 02: anúncio do perfume centenário

Fonte: jornal Estado de São Paulo, 25 de janeiro de 1954, página 15

Eram frequentes os passeios pelos corredores das galerias para fazer compras nos espaços comerciais especializados. Nos anúncios do jornal o Estado de São Paulo encontramos, por exemplo, chamadas das lojas de lingerie e de roupas femininas. As próprias galerias modernas do Centro são reconhecidas como espaços da modernidade que estimulavam a sociabilidade na região central com desenhos inovadores que ocorriam nos térreos de edifícios modernos altos (COSTA, 2015).



Figura 03– mulher em destaque na galeria do Edifício Itália

Fonte: Revista Acrópole, n. 210, p. 225

Roupas finas para Senhoras

Habilmente executadas em nossa oficina de costuras, oferecem comodidade, e elegância á silhueta da **mulher moderna.**

Calças
Cintas
Peignoirs
Soutiens
Combinações
Pijamas
Camisolas

Sortimento completo de artigos de jersey "Valisère"

CASA LEMCKE
Fundada em 1902
São Paulo - Rua Libero Badaró, 303.
Santos - Rua João Pessoa, 45-47.

Figuras 04 – anúncios de loja exclusiva feminina

Fonte: Estado de São Paulo, 18 de fevereiro de 1945, p. 11

Inseridas na forte dinâmica cultural da cidade, as mulheres frequentavam os cinemas, as galerias de arte, os restaurantes e bares da região central, muitas vezes protagonizando os episódios importantes do contexto cultural. Em 1945, o Instituto dos Arquitetos do Brasil inaugura uma exposição de pinturas da Anita Malfatti¹ em seu espaço no Edifício Esther (Estado de São Paulo, 11 de maio de 1967, p. 09), enquanto que, em 1967, Noêmia Mourão² abriu na Galeria Metrópole um espaço voltado para os artistas modernos (Estado de São Paulo, 11 de maio de 1967, p. 09).

Além das facilidades do cotidiano, nos espaços do térreo ocorriam as atividades de lazer e sociabilidade entre os que moravam, trabalhavam ou circulavam pelo Centro, entre salas de cinemas, galerias de arte e livrarias. A ida aos cinemas para assistir aos filmes recém-chegados de Hollywood também era um evento onde as pessoas poderiam se encontrar, verem e serem vistas, além de se atualizar sobre as novidades americanas. “O cinema, que se tornava um dos principais pontos de encontro da nata da sociedade paulistana, ganhava, a partir dos anos 20, salas amplas e luxuosas, cenários refinados para os espetáculos elegantes que então se desenrolaria” (RAGO, 2004, p. 395).

A importância da ida aos cinemas pelas mulheres é atestada pelo caderno “Suplemento Feminino” do jornal Estado de São Paulo que, a partir de 19 de agosto de 1955, passa a publicar uma coluna semanal sobre as estreias nos principais cinemas da cidade. Como afirmavam Raquel Miguel e Carmem Rial, “o cinema era para todas (que podiam pagar). Acompanhadas de familiares ou amigas, frequentavam as salas de projeção espalhadas pelo Brasil desde os anos 1920, quando surgiram os primeiros cinemas no Brasil” (MIGUEL; RIAL, 2016, p. 154).

O filme São Paulo Sociedade Anônima – dirigido e produzido por Luis Sergio Person em 1965 – apresenta alguns dos hábitos e dos questionamentos dos homens e mulheres que viviam na metrópole. Na narrativa, Carlos conheceu sua esposa Luciana em um curso de inglês, formação que se mostrava fundamental para o desenvolvimento de qualquer profissional que buscasse se destacar. No primeiro diálogo que se estabeleceu entre eles, na Praça da República, tendo como cenário de fundo arranha-céus modernos em construção, Carlos pergunta o que Luciana está aprendendo, ela responde que além do inglês, datilografia, porque “se amanhã a gente precisar trabalhar, é sempre bom saber outra língua”. Luciana pode ser compreendida como uma moça de classe média com as ambições e entendimentos de uma solteira neste período. Ela procura ter uma formação mais aprofundada do que teve sua mãe, tias e avós, mas sonha com um casamento que não tornasse necessário sua vida “fora do lar”.

Além de Luciana, outras duas mulheres relacionam-se com o protagonista do filme: Ana, mulher bela, de origem humilde e trabalhadora; e Hilda, a mulher intelectualizada que frequenta exposições de arte e vai ao cinema. Essas mulheres reivindicam não somente a possibilidade de circular pela cidade, mas também desejam o aumento das possibilidades de capacitação profissional, melhor remuneração e acesso à educação de qualidade. Segundo Carla Pinsky,

Cresceu na década de cinquenta a participação feminina no mercado de trabalho, especialmente no setor de serviços de consumo coletivo, em escritórios, no comércio ou em serviços públicos. Surgiram então mais oportunidade de empregos em profissões como as de enfermeira, professora, funcionária burocrática, médica, assistente social, vendedora etc., que exigiam das mulheres uma certa qualificação e, em contrapartida, tornavam-se profissionais remuneradas. Essa tendência demandou uma maior escolaridade feminina e provocou, sem dúvida, mudanças no status social das mulheres (PINSKY, 2013, p. 624).

Ainda no filme, a personagem Luciana conta que enquanto ela estuda, seu irmão trabalhava numa loja de ferragens em Brasília. Carlos, seu parceiro, afirma que homens precisam trabalhar e demonstra a ideia, ainda em voga, de que a responsabilidade financeira é masculina, ou, como afirmaria Carla Pinsky sobre os anos 50, “na família-modelo dessa época,

os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos” (PINSKY, 2013, p. 608).

Além dos cinemas, as livrarias, cafés e bares da região eram espaços dedicados aos encontros e debate que assumiam uma importância cada vez maior na vida social de São Paulo. A designer Ana Luisa Escorel descreve numa crônica como sua mãe, a professora de estética da Universidade de São Paulo Gilda de Mello e Souza, percorria confeitarias, cafés e livrarias para passeios e encontros com outros intelectuais do período.

Agora, quando levava a menina a algum passeio, aniversário, ao teatro, para tomar chá na Vienense ou na Livraria Jaraguá, não abria mão da elegância, nem do laço de fita no cabelo, ajeitado com esmero, porque a mãe era muito caprichosa. [...] Na [livraria] Jaraguá, a mãe ficava à vontade, no meio dos amigos, intelectuais como ela, todas as vezes que as duas iam. Então, antes de chegar à confeitaria, no fundo, parava para conversar entre livros e estantes. E conversava tanto que a menina precisava puxá-la pelo braço, lembrando o chá, os doces e os biscoitos, senão a mãe se esquecia da vida, na prosa (ESCOREL, 2010, p. 43).

Parte da efervescência da região central devia-se à presença de alguns cursos da Universidade de São Paulo (USP) espalhados pelos edifícios nos arredores da Praça da República e na rua Maria Antonia. Era comum a circulação dos alunos, professores e funcionários pela área. Logo nos primeiros anos de funcionamento, apesar de serem minoria³, era comum a presença de mulheres entre estes grupos. Com relação à educação das mulheres, Rosemberg afirma:

Longo foi o processo para a permissão legal do acesso geral e irrestrito das brasileiras à educação escolar. Autorizada em 827 pela Lei Geral do Ensino de 5 de outubro, mas restrita apenas às escolas femininas de primeiras letras, a educação das mulheres só conseguiu romper as últimas barreiras legais em 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da educação (ROSEMBERG, 2016, p. 334).

Essas mulheres que se lançaram no mercado de trabalharam, circularam pelas calçadas, praças e galerias da região central, frequentaram os cinemas, livrarias e cafés com mais liberdade, continuaram a ser vistas como as responsáveis pelos cuidados com a família e com seus lares.

Edifícios inovadores e práticas tradicionais

Os limites físicos da cidade expandiam-se, assim como as alturas das edificações que marcavam a paisagem urbana, fenômeno que era possível em função do avanço econômico do Estado, do desenvolvimento da função comercial e da preeminência político-administrativa da cidade de São Paulo (PETRONE, 1955). Com a implantação das grandes vias pela cidade,

Prestes Maia adotou a partir da década de 1940 uma série de medidas que buscava adequar a escala das construções às novas avenidas, uma possível tentativa de conciliar a imagem de uma cidade com ares modernos com o desenvolvimento econômico do período a partir do estímulo à alturas cada vez maiores (COSTA, 2015).

“A verticalização em São Paulo era um fenômeno central e predominantemente terciário: 70% dos edifícios estavam localizados na área central (triângulo e centro novo) da cidade e 65% eram de uso terciário e na sua maioria construídos para aluguel” (SOMEKH, 1997, p.139). Entretanto, este perfil mudaria a partir da década de 1940, quando foram construídos novos edifícios de uso residencial no Centro e nos bairros arredores, entre eles Santa Cecília, Higienópolis e Bela Vista.

Nesse período de forte vitalidade urbana e sociabilidade na área central, revistas, periódicos, colunas femininas de jornal apresentavam sugestões de como organizar as casas de maneira mais prática e anunciavam os aparelhos e as facilidades domésticas (fogão, geladeira, gás). Entre os arquitetos, o discurso pela busca de um modo de vida moderno estava presente em manifestos que marcaram gerações, como também em artigos de revistas especializadas.

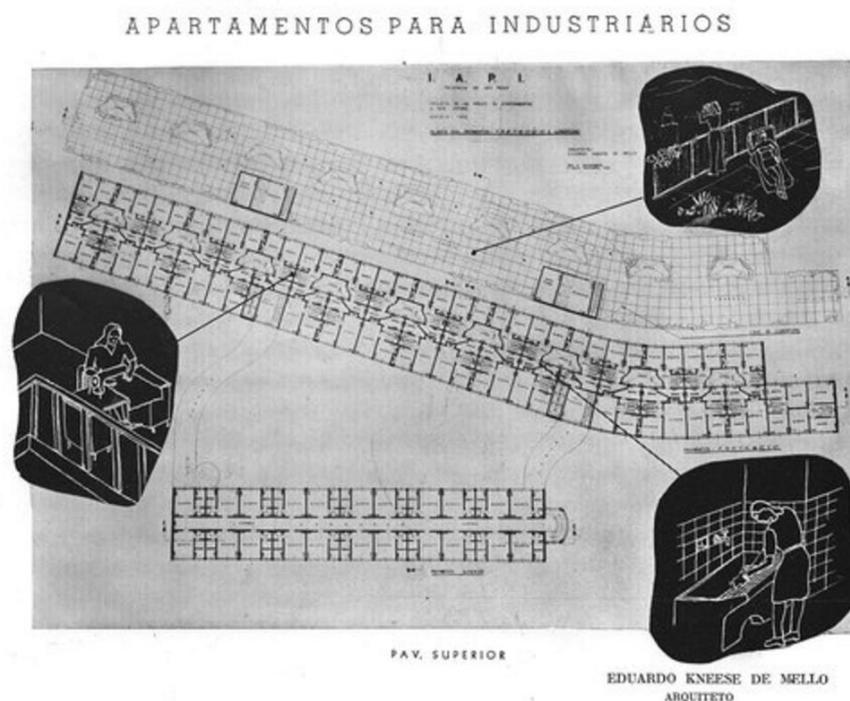
Os arquitetos modernos atendiam as demandas pela criação de novas construções de habitação propondo organizações espaciais diversas e novas técnicas construtivas. Muito mais rentáveis que habitações horizontais de alugueis, os edifícios com vários andares ainda se vinculavam à imagem de progresso e avanço técnico.

As plantas dos edifícios apresentam uma organização racional e funcional, com a otimização das áreas dos apartamentos. Alguns cômodos considerados de prestígio entram em desuso (sala de jantar, copa, gabinetes) e diversos detalhes dos apartamentos se utilizam dos recursos e avanços técnicos do período. Entre as novidades do período estão os apartamentos duplex (que distribuem seu programa em dois pavimentos) e as quitinetes (com áreas reduzidas e integração entre os ambientes).

Um empreendimento representativo das ideias e práticas do período é o conjunto Conjunto Residencial Armando de Arruda Pereira (conhecido como Japurá). O arquiteto Eduardo Kneese de Mello projetou em 1945 duas torres com propostas habitacionais diferentes. Enquanto que a primeira torre, mais baixa, é formada por quitinetes destinadas a jovens solteiros (aqui, a ideia defendida é a de que apenas homens podem morar sozinhos), a grande torre tem 14 pavimentos e abriga 288 unidades habitacionais duplex.

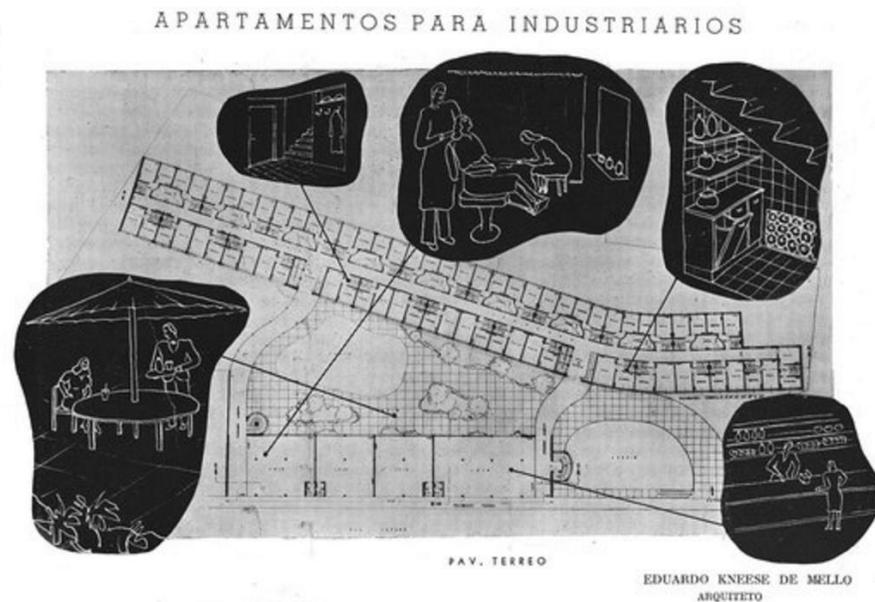
Os desenhos apresentados em um livro sobre o empreendimento - e reproduzidos na revista *Acrópole* (1948) - demonstram as possibilidades de atividades nas áreas comuns, assim como nos espaços íntimos do conjunto a partir de suas moradoras.

Na prancha do pavimento superior, dois balões referem-se às atividades desempenhadas pelas mulheres no interior dos apartamentos: lavar roupa e costurar. Nas áreas comuns, está mesma mulher apresenta a possibilidade lazer na cobertura: enquanto uma figura feminina de calça, camisa e cabelos longos aprecia a paisagem olhando pelo binóculo os altos edifícios representados, uma outra repousa numa espreguiçadeira de biquíni e óculos de sol. Enquanto a planta do pavimento térreo do conjunto demonstra as possibilidades de uso das áreas comuns também se utilizando das mulheres em atividade: no salão de beleza deitada numa cadeira enquanto uma mulher cuida de suas unhas e outra de seu cabelo, ou no restaurante/ bar do conjunto onde ela tomaria uma bebida. As ilustrações representam esta mulher a partir de dois estereótipos: a mulher responsável pelos cuidados da casa e de seu corpo.



Figuras 05: representações femininas e atividades no apartamento e no conjunto

Fonte: *Acrópole*, 1948, p. 287.



Figuras 06: representações femininas e atividades no conjunto habitacional

Fonte: Acrópole, 1948, p. 286.

Sobre a tipologia das quitinetes, diversos estudos afirmam que esses apartamentos começaram a ser projetados nos Estados Unidos a partir dos hotéis com função residencial, quando grandes cidades passavam por processo intenso de metropolização e verticalização (SILVA, 2013). Cott (1990) afirma que nos Estados Unidos, já na década de 1920, metade da população americana era urbana. Neste contexto histórico, as leis americanas incentivaram o crescimento do ensino secundário e a entrada dos jovens no mercado de trabalho⁴. São estas mulheres que estudam e trabalham nas grandes cidades americanas que buscaram os apartamentos em hotéis para morar em Nova York, a exemplo da protagonista de Sylvia Plath no romance “Redoma de vidro”.

No Brasil, esta tipologia voltou-se de maneira maciça para homens jovens solteiros no mercado de trabalho. Poucos são os exemplos de empreendimentos voltados para o público feminino, como os realizados pelos Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPs) que planejaram espaços voltados para as mulheres trabalhadoras solteiras nas grandes cidades, a exemplo da Casa da Comerciária e da Casa da Bancária, propostos no Rio de Janeiro nos anos 1950.

No entanto, no caso dos apartamentos duplex ou das quitinetes, a discussão relaciona-se originalmente com a ideia de economia na construção e com o discurso da funcionalidade do

espaço que sugeria novas práticas domésticas levando em conta a entrada da mulher no mercado de trabalho, como também sua participação pela organização do lar e da família.

O uso da tipologia dos apartamentos duplex como recurso para uma organização espacial eficiente surgiu na antiga União Soviética, numa tentativa efetiva de minimizar os espaços íntimos familiares e tornar as atividades domésticas comunitárias. Segundo Françoise Navailh (1995), as discussões realizadas na década deixam claro a importância da força de trabalho feminino e o desgaste que a mesma sofre com a rotina doméstica. Os revolucionários acreditavam que, na sociedade socialista, seria possível libertar a mulher das tarefas domésticas que embruteciam e sufocavam-nas, dispersavam suas forças e impediam-nas de participar da vida social e política.

Em 1928, o Comitê de Construções Estatais, coordenado pelo arquiteto Moisei Guinzburg, iniciou a construção do conjunto Narkonfim, em Moscou. Ali, diversas atividades domésticas foram coletivizadas a partir da construção de equipamentos comuns - cozinha e sala de jantar coletivas, lavanderia, serviço de limpeza dos alojamentos, jardim de infância, ginásio esportivo, biblioteca e um terraço - enquanto as células habitacionais eram organizadas nos apartamentos com áreas mínimas.

Uma fotografia feita por Vladimir Gruntal, logo depois da inauguração do Narkomfin, registra o interior apartamento duplex. Na sala, uma encontra-se centralizada em relação ao enquadramento, no meio da fotografia. Sentada em uma cadeira, com cabelos curtos, sapatos de salto e sobretudo, ela se debruça sobre uma prancheta (uma tábua sobre cavaletes) repleta de papéis. Sua aparência reforça a ideia de uma leitora concentrada em sua atividade intelectual. A fotografia revela e divulga imagens da nova mulher russa em um novo espaço doméstico idealizado pelos arquitetos modernos soviéticos. A mulher representada se difere diretamente daquela que se ocupa das atividades do lar na interpretação do modelo sugerido no conjunto Japurá.



Figura 07: mulher em apartamento no conjunto soviético Narkomfin
(autor: Vladimir Gruntal, 193?)

Fonte: https://thecharnelhouse.org/2015/07/?ak_action=reject_mobile

Habitar um espaço moderno não significava necessariamente realizar práticas inovadoras. No caso do Japurá, assim como no de vários outros conjuntos habitacionais modernos, a organização espacial era racional e funcional, utilizava-se da tecnologia do concreto armado para propor novos arranjos. No entanto, seus usuários ainda eram vistos de maneira tradicional: mulheres responsáveis pelas atividades domésticas e pelos cuidados com os filhos, enquanto aos homens cabiam o sustento financeiro.

As práticas domésticas nos edifícios modernos de São Paulo

Essa ideia de que as mulheres são as responsáveis pela organização e pelo cotidiano da família e da casa foi fortemente ressaltada ao longo de diversas matérias de jornal dos anos 1950 e 1960. No Suplemento Feminino do Jornal Estado de São Paulo, a colunista denominada Capitu afirma em sua crônica: “A mulher moderna é que encontra tempo para tudo. Inclusive para cuidar ou aprender a cuidar da casa” (Estado de São Paulo, 26 de abril de 1946, p. 04). Mesmo para enfatizar as qualidades de uma boa profissional, é necessário enfatizar que ela é atenta e dedicada às tarefas do lar. Como pode ser observado no relato do encontro de jornalistas, em que os atributos da consulesa da Itália são descritos: “Não nos esqueçamos

também que [a consulesa] é uma pianista de mérito e excelente dona de casa. Representa bem a mulher moderna, que tanto pode cuidar das mais elevadas questões, como desses nadinhas – às vezes tão aborrecidos! – que constituem o cotidiano” (Estado de São Paulo, 15 de dezembro de 1950, p. 05). Para essas mulheres modernas que precisam dominar as atividades do lar, diversos cursos são oferecidos nos periódicos, em especial o *curso de preparação familiar*⁵, *curso de extensão cultural*⁶ e *curso de decoração*⁷.

CURSO DE DECORAÇÃO
 Ciclo de 24 Aulas de Orientação Teórico-Prática
 A cargo de Landerset Simões e Italo Bianchi
 1ª TURMA: de 14 de abril a 30 de junho
 Informações e inscrições na "Secretaria da "Casa de Portugal":
 rua da Liberdade, 602 —, Tel. 31-6353;
 e na Livraria Jaraguá, rua Marconi, 54; tel. 34-4698

seu lar... seu castelo!

Afirme sua personalidade decorando seu lar — seu castelo! com o Alto Classe e o Bom Gosto característicos de HALL.



Móveis de classe, criação e fabricação exclusivas! Tapetes e cortinas originais. Finíssimos objetos de adorno. HALL decora ambientes e fornece móveis sob encomenda para qualquer parte do País.

PLANIFICAÇÕES SEM COMPROMISSO
— Estudos de áreas, desenhos, cores, preços.


Nossos técnicos e artistas aguardam seus pedidos!
MÓVEIS E DECORAÇÕES LTDA.
Rua Augusta, 131 — Fone: 35-8926 (recados)

Figura 07 – anúncio de curso de decoração

Fonte: Estado de São Paulo, 21 de março de 1958, p. 37

Os anúncios de jornais e revistas ainda mostravam os aparelhos domésticos e as facilidades da vida moderna: fogão, geladeira, gás, querosene, entre outro. No entanto, no Brasil, a possibilidade de comprar eletrodomésticos ainda era limitada a algumas famílias. Somente na década de 1950 esta realidade muda. Rafaela Martins (2016) aponta que “com o passar dos anos, o desenvolvimento industrial do país e a expansão de empresas de energia, que distribuía gás e eletricidade, a produção e o consumo de utensílios domésticos aumentou” (MARTINS, 2016, p.02). Mas este consumo ainda era restrito a uma pequena parte da população que poderia pagar por eles.

Os informes publicitários do período apontam que o apelo ao consumo tinha como foco as mulheres, apresentando a ideia de praticidade e modernidade. Um outro anúncio do jornal Estado de São Paulo apresentava um refrigerador como “símbolo do requinte e do conforto da vida moderna” (Estado de São Paulo, 05 de outubro de 1954, p. 7). A pesquisadora francesa Monique Eleb afirma que “o conforto é tanto uma noção construída quanto uma conquista. Ao longo do século XX essa noção deixou de ser a expressão de um sentimento qualitativo ou subjetivo para se tornar algo mensurável, objetivo, ligado às ideias de equipamento habitacional e progresso” (ELEB, 2017, p. 157). Os eletrodomésticos expressam as possibilidades de novas dinâmicas domésticas e sua publicidade dialoga diretamente com os textos de jornais que anunciam mudanças nas vidas das donas-de-casa europeias e norte-americanas com a redução do número de empregados. “A empregada doméstica e a pagem (*sic*) praticamente desaparecem do lar norte-americano. A falta da mão de obra e os salários elevados pagos nas indústrias são a causa desse fato” (Estado de São Paulo, 30 de janeiro de 1953, p.06). No entanto, no Brasil, a realidade demora a se modificar. Rafaela Martins aponta que ainda na metade do século XX, as ricas e médias da sociedade paulistana possuíam pessoas que trabalhavam em suas casas. “Serviços como de cozinheiras, babás, e principalmente empregadas domésticas eram executados por mulheres mais pobres” (MARTINS, 2016, p. 186). As mulheres eram responsáveis pela organização das atividades do lar, incluindo no gerenciamento de seus funcionários e de seus equipamentos.

Considerações finais

Este trabalho buscou apresentar um panorama geral da vida das mulheres de classe média que moravam, trabalhavam ou circulavam na região central de São Paulo a partir de uma participação mais intensa nas dinâmicas urbanas da metrópole que se consolidava, assim como nas transformações em sua vida íntima. Diversos estudos apontam as décadas de 1940 e 1950 como o momento em que as mulheres avançam em seus estudos e lançam-se nas cidades. Elas buscam cursos de inglês, de datilografia, procuram empregos, caminham pelas galerias comerciais modernas no fim do dia, cafés, galerias de arte, teatros e cinema implantados nos novos edifícios modernos – ou seja, aproveitam a liberdade possível na cidade.

A urbanização, sem dúvida, modificou alguns padrões culturais. Distâncias maiores entre os locais de moradia, trabalho, estudo e lazer; os trajetos percorridos nos ônibus; a popularização dos automóveis; as possibilidades de diversão diurnas e noturnas, como frequentar piscinas ou praias, ir ao cinema, festas, bailes e brincadeiras dançantes, fazer o footing e excursionar proporcionaram a rapazes e moças, a homens e mulheres uma convivência mais próxima (PINSKY, 2013, p. 621).

Neste momento, a possibilidade de usufruir de novos programas e espaços da metrópole esteve associada à ideia de modernidade que foi bastante reforçada nos anúncios de hábitos e produtos voltados para os habitantes da metrópole. As imagens ou frases que apresentam “mulheres modernas” tentam alcançar alguém que está informada das novidades, seja no cinema, nos percursos urbanos, nas vestimentas ou nos cuidados com a casa.

A mesma “mulher moderna” que se interessa pelos lançamentos do cinema, por passear nas galerias ou por buscar emprego nos novos edifícios modernos é frequentemente informada nos artigos, crônicas e anúncios dos periódicos que, mesmo com a liberdade de circular no espaço público, deve focar suas atenções para os cuidados do lar. Para facilitar seu cotidiano, novos aparatos tecnológicos e outras propostas de organização espacial apresentavam a ideia de uma casa moderna, mas cabiam às mulheres a organização das atividades do lar, incluindo no gerenciamento de seus funcionários e de seus equipamentos. Neste ambiente, estaria sua segurança e sua realização para exercer sua verdadeira vocação, a de dona-de-casa.

Referências bibliográficas

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COSTA, Sabrina Studart Fontenele. *Edifícios modernos e traçado urbano no Centro de São Paulo*. São Paulo: Editora Annablume, 2015.

ELEB, Monique. Conforto, bem-estar e cultura material na França. In: NASCIMENTO, Flavia Brito; SILVA, Joana Mello de Carvalho; LIRA, José Tavares Correia de; RUBINO, Silvana Barbosa. *Domesticidade, Gênero e Cultura Material*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017, pp. 159-174.

SCOREL, Ana Luisa. A menina e a mãe dela. São Paulo: *Revista Piauí*, jan. de 2010, Edição 40, p. 42-45.

HEYEN, Hilde. Modernity and domesticity. Tensions and contradictions. In: HEYEN, Hilde; BAYDAR, Gulsum (orgs). *Negotiating domesticity*. Spatial productions of gender in modern architecture. Nova Iorque: Routledge, 2005, pp. 1-28.

KNEESE DE MELLO, Eduardo. Apartamentos para industriários. IAPI delegacia de São Paulo. Rua Japurá – São Paulo. São Paulo, *Revista Acrópole*, nº 119, p. 281-287, 1948.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (ORG.). *História da vida privada no Brasil 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 367-421.

MARINS, Paulo César Garcez. *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: SEVCENKO, Nicolau (ORG.). *História da vida privada no Brasil 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 131-214.

MARTINS, Rafaela Cristina. A divisão funcional do espaço doméstico por gênero: um olhar através da imagem da mulher na propaganda de eletrodomésticos. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2016. *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*. v. 7, n. 3.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Programa de mulher. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanez. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 148-168.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. *Programa de Mulher*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 148-167.

PETRONE, Pasquale. A cidade de São Paulo no século XX. In: SILVA, Raul de Andrade (org.). *A evolução urbana de São Paulo*. São Paulo, s.n., 1955.

PINSKY, Carla Bassanez. A era dos modelos rígidos. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanez (orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 469-512.

_____. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORI, Maria del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 607-639.

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo. In: PORTA, Paula (org.) *História da cidade de São Paulo 3: A cidade na primeira metade do século XX (1890-1954)*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e educação de mulheres. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanez. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 333-359.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Joana Mello de Carvalho. *Habitar a metrópole: os apartamentos quitinetes de Adolf Franz Heep*. São Paulo, Anais do Museu Paulista, v.21. n.1. p. 141-157. jan.-jun. 2013.

SOIHET, Raquel. A conquista do espaço público. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanez. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016, pp.218-237.

SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo, 1920-39. São Paulo, Estúdio Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1997.

¹ Anita Catarina Malfatti (1889 -1964) foi uma importante pintora, desenhista, gravadora, ilustradora e professora. Participou da Semana de Arte Moderna de 1922 expondo 20 trabalhos, integrou a Sociedade Pro-Arte Moderna (SPAM), a Família Artística Paulista (FAP) e o Salão Revolucionário na década de 1930.

² Noemia Mourão Moacyr (1912 - 1992) foi uma pintora, cenógrafa, e desenhista. Iniciou seus estudos com Di Cavalcanti, com quem foi casada. Frequentou as academias de arte francesas e atuou como artista plástica no Brasil.

³ Eva Blay aponta que na primeira turma formada em 1936, dos 24 diplomados, apenas duas eram mulheres³. No entanto, gradualmente este número subia a medida que o acesso à educação das mulheres se ampliava.

⁴ Ainda segundo Cott, “entre 1910 e 1940, a proporção das mulheres na força de trabalho era de cerca de ¼, mas as mulheres trabalhadoras tornaram-se, em media mais velhas (umas vez que as jovens até os 20 anos permaneciam na escola) e estavam a concentrar-se de forma crescente nos serviços de escritório, administrativo, de vendas e em profissões qualificadas, tornando-se mais visíveis para os comentadores sociais do que o tinham sido as mulheres que trabalhavam nos setores tradicionais do serviço doméstico, da agricultura e da indústria” (COTT, 1990, p. 103).

⁵ Estado de São Paulo, 28 de fevereiro de 1958, p. 42.

⁶ Idem.

⁷ Estado de São Paulo, 21 de março de 1958, p. 37.